



Agroecologia, mulheres e cultura: os arranjos produtivos no território Kalunga do Nordeste Goiano

Agroecology, women and culture: the productive arrangements in the Kalunga territory of the Northeast of Goiás

MOREIRA, Jorgeanny de Fátima R.
Universidade Federal do Tocantins, jorgeanny.moreira@uft.edu.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: A proposta refere-se aos resultados parciais da pesquisa de pós-doutoramento em Geografia. Como problema de pesquisa questiona-se: o território Kalunga, enquanto um território camponês, tem a sua produção calcada em princípios agroecológicos como a resiliência, a sustentabilidade, a segurança alimentar e a saúde do solo? O objetivo principal da pesquisa, é identificar como a produção, pautada no uso da biodiversidade do Cerrado, pelas mulheres quilombolas Kalunga de Monte Alegre de Goiás, configura-se em produção agroecológica. O trabalho justifica-se pela importância dos saberes populares e ancestrais no cuidado do solo e da biodiversidade do Cerrado. A metodologia versa pela revisão teórica e as técnicas de pesquisa para a coleta de dados: o Diagnóstico Rural Participativo. As mulheres Kalunga, em um sentido de resiliência, fortalecem-se, defendem e impõem os seus saberes como práticas necessárias para garantir a segurança alimentar do povo Kalunga.

Palavras-chave: comunidade tradicional; quilombo; agricultura; biodiversidade; Cerrado.

Introdução

Esta proposta refere-se aos resultados parciais da pesquisa de pós-doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, e busca compreender como os arranjos produtivos das mulheres quilombolas Kalunga em Monte Alegre de Goiás, configuram-se em resistência e resiliência diante das vulnerabilidades do território, possibilitando a segurança alimentar do povo Kalunga, por meio dos saberes ancestrais no uso da biodiversidade do Cerrado. Este município está localizado na microrregião da Chapada dos Veadeiros e abriga parte do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Têm-se como foco as comunidades Kalunga Tinguizal, Riachão, Barra, Curral de Taboca, Sucuri, Areia, Saco Grande e São Pedro.

A pesquisa iniciou-se quando da extensão universitária *Cerrado e Cultura: a economia social e criativa na reprodução socioeconômica de mulheres quilombolas e camponesas* que é desenvolvido desde setembro de 2020 com financiamento do antigo Ministério da Família, dos Direitos Humanos e da Mulher, e atualmente pelo Ministério da Igualdade Racial.

É com base no protagonismo feminino na luta histórica pela autonomia dos territórios quilombolas, por meio dos saberes calcados na ancestralidade, que a



pesquisa se norteou. Apoiou-se ainda sob a ótica da inclusão feminina no processo de desenvolvimento local baseado na identidade cultural e nos recursos naturais do território quilombola, ambiente caracterizado pelas disputas de quilombolas, fazendeiros, poder público e agronegócio. Menezes e Almeida (2020, p. 237) apontam que “evidenciaram-se, nas travessias realizadas durante o Projeto Promob, as transformações perceptíveis no espaço rural com a territorialização e expansão do agronegócio e o uso da terra para as mercadorias (soja, cana-de-açúcar, milho)”. No Nordeste Goiano, região onde localiza-se o território Kalunga, esta situação não é diferente, e se assemelha com as descrições realizadas pelas autoras.

Silva (2015) já alertava para a intensa modificação do território goiano promovida pelo agronegócio que engendrou diferentes especializações e agregou níveis técnicos entre as regiões, entre elas a região Nordeste do Estado de Goiás. O autor explica que a modernização do campo em Goiás territorializou relações capitalistas prioritariamente ao Sul, mas com o avanço da modernização agrícola, e com a consolidação das relações capitalistas de produção, o Nordeste goiano foi inserido na produção de *commodities* no Cerrado e pela agricultura moderna. Souza *et. al.* (2019), em estudos realizados nas regiões Norte e Nordeste de Goiás, apontam para o avanço do agronegócio com atenção especial para a microrregião da Chapada dos Veadeiros. Localizada na bacia hidrográfica do rio Tocantins e no Nordeste de Goiás, esta região possui solos com pouca aptidão natural para a produção de soja, mas que se faz possível devido ao uso excessivo de fertilizantes químicos, irrigação e mecanização no solo.

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga possui características geomorfológicas que dificultam a produção agrícola almejada pelo agronegócio e pela agroindústria. De acordo com o Zoneamento Geoambiental e Agroecológico de Goiás – Região Nordeste (1995), os solos dessa região dependem de calagem e adubação para o cultivo de certas culturas como soja, milho e cana-de-açúcar. Ainda, 52,9% dos solos do nordeste goiano apresentam baixa fertilidade natural e 75,1% deles necessitam de suprimentos de calcário e magnésio. Isso demonstra que o processo de cultivo nos solos da microrregião da Chapada dos Veadeiros tem o custo elevado para o desenvolvimento de uma agricultura convencional.

O clima da região é caracterizado pelas estações seca e chuvosa. Entre os meses de abril e setembro, o Nordeste de Goiás apresenta o menor índice pluviométrico (abaixo de 1250 mm) (NOVAIS, 2020). No período chuvoso, a população enfrenta problemas com inundações devido à proximidade com os rios Paranã e Bezerra. As comunidades de Monte Alegre são as mais afetadas pelos alagamentos, pois situam-se às margens do Rio Paranã. Em decorrência, as comunidades deste território lidam com as vulnerabilidades naturais, e com base na resistência e resiliência, a população Kalunga desenvolveu estratégias retirando da natureza os recursos necessários para a sobrevivência. Ainda que as características geomorfológicas sejam hostis para a produção agrícola e criação de gado de corte, os Kalunga cultivam a terra, criam animais domésticos como galinhas, porcos e vacas, e realizam atividades extrativistas de frutos do Cerrado (baru, cagaita,



mangaba, cajuzinho do Cerrado, e plantas medicinais para a fabricação de “raizadas”).

Destarte, as formas de apropriação dos recursos naturais nas comunidades tradicionais resultam-se da interação com o meio ambiente. As famílias encontraram - na medida em que se refugiaram em áreas de florestas e matas, a montante de cachoeiras ou em serras – formas de adaptação e manipulação do solo capazes de gerar uma produção sustentável.

A cultura dessas populações explica-se pela sua relação com a natureza. Almeida (2016, s/p.) em sua longa trajetória como pesquisadora sobre o território Kalunga observou características peculiares da relação dos moradores dessas comunidades com os seus quintais. A autora explica que “o quintal é o espaço singular do entorno das moradias no qual se produz a vida, pelo que se cria, pelo que se cultiva [...]. Nas comunidades rurais ele é a transição entre o domesticado e a natureza “mato”, no linguajar dos homens do campo”.

Além das hortas, os Kalunga plantam suas roças em um rigoroso calendário agrícola e cultivam arroz, feijão, fumo, cana-de-açúcar e mandioca. O território Kalunga marcado pela luta de demarcação, titulação e de afirmação da identidade cultural também pode ser compreendido como um espaço camponês. Fernandes (2012, p. 7460) contribui com tal afirmação ao postular que “a unidade espacial se transforma em território camponês quando compreendemos que a relação social que constrói esse espaço é o trabalho familiar, comunitário, cooperativo, para o qual a reprodução da família e da comunidade é fundamental”.

Sendo assim, tem-se como problema de pesquisa: o território Kalunga enquanto um território camponês tem a sua produção baseada em princípios agroecológicos como a resiliência, a sustentabilidade, a segurança alimentar e a saúde do solo? Além disso, indaga-se a relação entre os saberes culturais e populares das mulheres Kalunga e a produção agroecológica no território, e se está pautada no trabalho familiar, comunitário e cooperativo.

Estes questionamentos surgiram a partir das ações de extensão em forma de minicursos sobre a construção de hortas agroecológicas. As oportunidades de incursões nas comunidades possibilitaram o início de uma pesquisa de pós-doutoramento. As trocas de saberes científicos e populares, entre academia e comunidade, evidenciaram os saberes agroecológicos que já eram desenvolvidos naquele território.

O objetivo principal da pesquisa, portanto, foi identificar como os arranjos produtivos, pautados no uso da biodiversidade do Cerrado, pelas mulheres quilombolas Kalunga de Monte Alegre de Goiás, podem se configurar em produção agroecológica em um ambiente vulnerável e hostil. Além disso, buscou-se conhecer as dinâmicas produtivas das mulheres quilombolas de Monte Alegre de Goiás, bem como o uso da biodiversidade do Cerrado; e como elas se revelam como estratégias



de sobrevivência e reprodução da vida no território Kalunga. Tanto as ações de extensão como a pesquisa tiveram o intuito de identificar e fomentar a diversidade de produção alimentar que pudesse contribuir com a segurança alimentar da população local.

Metodologia

A primeira etapa da pesquisa consiste em um levantamento teórico e conceitual acerca de conceitos basilares dos estudos como agroecologia, território, cultura e relações de gênero nas comunidades tradicionais. A segunda fase da pesquisa baseou-se em pesquisas de campo junto à população das comunidades lócus da pesquisa. As técnicas para a coleta de dados seguiram o Diagnóstico Rural Participativo. De acordo com Verdejo (2006, p. 6) o DRP “é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento”.

As ferramentas utilizadas foram: a **Observação Participante com Caminhada Transversal**. De acordo com Borges (2009), a relação estreita com os sujeitos de pesquisa é importante para uma compreensão mais ampla dos modos pelos quais determinada sociedade ou grupo pensa e age sobre seu mundo. Verdejo (2006) argumenta que a Caminhada Transversal é realizada por meio de uma caminhada que percorre o espaço pesquisado e que deve contemplar vários aspectos, tais como: áreas de uso para agricultura, lazer e moradia; características do solo, recursos naturais. Outra técnica utilizada foi o **Fluxograma de produção** em que é possível expor todo o processo de produção das hortas nos quintais, das roças, de remédios e alimentos com insumos do Cerrado e de artesanatos. Pode ser feito em grupo de mulheres ou com cada moradora de forma individual para detalhar o processo produtivo. A **Análise de Gênero** foi utilizada porque representa a parte integral do diagnóstico participativo. Segundo Verdejo (2006, p. 45) “as relações de gênero influem em todos os aspectos de uma comunidade, tanto produtivos como sociais”. Geralmente as ferramentas de análise de gênero acontecem na primeira fase da pesquisa, mas precisam ser acompanhadas e revisadas em todo o processo de investigação. Nesta etapa foi possível observar a rotina diária de homens e mulheres, a rotina da família, o uso do tempo das mulheres na realização de suas atividades e a distribuição de tarefas no lar.

Resultados e Discussão

As mulheres Kalunga, por meio da resiliência, fortalecem-se, defendem e impõe os seus saberes como práticas necessárias para a produção e reprodução do território Kalunga. É com base nas técnicas de pesquisa empregadas que se pode compreender as práticas sociais e culturais das mulheres, baseadas no trabalho realizado por meio da sociabilidade e solidariedade como importantes elementos na produção do território.



Portanto, compreende-se que o território também é “[...] objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo” (ALMEIDA, 2003, p. 108). Destarte, as mulheres quilombolas Kalunga aplicam as suas experiências e saberes na produção de elementos necessários para a qualidade de vida da comunidade, de maneira a resistir as vulnerabilidades naturais impostas ao ambiente, como: enchentes devido à proximidade com Rio Paranã, dificuldades de acesso aos fármacos e hospitais, os poucos recursos financeiros e as escassas políticas públicas voltadas para a saúde naquele território.

A resiliência das mulheres quilombolas imbrica-se à luta pela resistência dos quilombos, que historicamente vivenciam a negligência e o abandono do poder público. As mulheres do território Kalunga são guardiãs dos saberes ancestrais de manipulação dos recursos naturais para a sobrevivência de suas comunidades. Além disso, a organização social destas comunidades parte da sociabilidade e solidariedade dos grupos femininos.

Conclusões

A relação das comunidades quilombolas com a biodiversidade do Cerrado é peculiar, e representa um elemento importante na construção do território Kalunga. A biodiversidade neste lugar se consolida como um território culturalizado, pois é apropriada pela cultura dos povos tradicionais, que por meio da relação com a natureza desenvolvem estratégias de sobrevivência utilizando os recursos naturais. Observa-se que além da resiliência outros princípios fundamentais, de produção podem ser considerados agroecológicos. Atividades, aplicadas pela população, como o cuidado com a saúde do solo, a sustentabilidade, a diversidade e a sinergia entre os conhecimentos populares e científicos. Identificou-se que na produção Kalunga não há o uso de adubação química ou de outras sementes. A prioridade é a adubação orgânica com vegetação da região e cinzas encontradas nas cozinhas das mulheres quilombolas. As sementes crioulas de milho e feijão, por exemplo, são motivo de orgulho das mulheres que plantam as roças e as hortas na comunidade.

As pesquisas realizadas no território Kalunga permitiram, aos pesquisadores, o contato com os saberes populares e as produções agroecológicas baseadas na identidade cultural e conhecimentos ancestrais, desvelando os sentidos de resistência e resiliência das mulheres quilombolas. A pesquisa possibilitou a compreensão acerca da produção, da biodiversidade e dos recursos naturais do Cerrado em Goiás.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda de. Comunidades tradicionais quilombolas do Nordeste de Goiás: quintais como expressões territoriais. In: **Confins**: Revista Franco-Brasileira de Geografia. Nº 29, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/11392>. Acesso em 02 de julho de 2022.



ALMEIDA, Maria Geralda, Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 2, n. 3, jun./jul. 2003. p.71-82.

AMDA. **Associação Mineira de Defesa do Ambiente**. Proposta reduz 73% do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Disponível em <https://www.amda.org.br>. Acesso em 03 de julho de 2022.

BORGES, Maristela Corrêa. Da Observação Participante à Participação Observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. In RAMIRES, Julio César. L; PESSÔA, Vera Lúcia S (Orgs.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009.

GOIÁS. **Zoneamento Geoambiental e Agroecológico do Estado de Goiás – Região Nordeste**. Série de estudos e pesquisas em Geociências – número 3. Rio de Janeiro, Brasil: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1995.

FERNANDES, B. M. Território Camponês. In: CALDART. R.S.; PEREIRA. I. B.; ALENTEJANO. P.; FRIGOTTO. G.; (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 744 – 747 p.

MENEZES, Sônia de Souza M.; ALMEIDA, Maria Geralda. A produção de alimentos nos espaços circunscritos da casa e a comercialização nos circuitos curtos. In: MENEZES, Sônia de Souza M. (Org.). **Novos usos do Espaço Rural e suas Resiliências: Transformações e Ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020.

NOVAIS, Giuliano Tostes. Classificação climática aplicada ao Estado de Goiás e ao Distrito Federal, Brasil. In: **Boletim Goiano de Geografia**, 2020, v. 40: e62297. Disponível em <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/62297>. Acesso em 03 de agosto de 2022.

SILVA, Fernando Carlos Alves. O Agronegócio e a produção territorial recente em Goiás (2000-2012). In: **Sociedade e Território – Natal**. Vol. 27, N. 3, p. 145 - 163. Jul./Dez. de 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/>. Acesso em 05 de julho de 2022.

SOUZA, Rodrigo. G.; Galvão, Izabelle. C. C.; Silva, Luana. M. X.; Souza, Gabriela. V.; Neto, João M. de S. Dinâmica Socioespacial das “cidades do agronegócio” em Goiás – um estudo de caso em São João da Aliança. In: **Geografia, Ensino e Pesquisa**. Santa Maria, v.23, e27, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/32617/pdf>. Acesso em 05 de julho de 2022.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo: Guia Prático DRP**. Brasília: MMA, Secretaria de Agricultura Familiar, 2006.